

Desdobramentos

A partir da ideia alargada de escritura apresentada nesta dissertação gostaríamos de apontar, como possibilidade de abertura para um futuro trabalho na leitura da obra de Derrida, o caráter ficcional de todo pensamento. Como vimos, a desconstrução do conceito metafísico de linguagem e a consequente liberação de uma noção radical de escritura nos lança num terreno instável que nos deixa ver uma fragilidade, uma falta de fundamentos, inerente a todo pensamento.

A postura lúcida que nos é exigida a partir da assunção da escritura derridiana nos faz desconfiar de toda certeza, de toda conclusão, de todo limite, nos quais se gostaria de poder fazer estancar o pensamento em sua compreensão correta. Mas Derrida, ao invés de estabelecer certezas, pontos fixos como centros organizadores do pensamento, enxerga, ao contrário, seu caráter provisório, uma vez que admite que todo pensamento é uma construção e, por isso, passível de ser desconstruído. Essa visão do pensamento permite-nos falar de uma extensão da ideia de ficcionalidade para além de seus limites clássicos. Isto é, para Derrida, o caráter ficcional diria respeito a todo e qualquer pensamento e não apenas àquele ligado à arte, ao qual aceitamos este estatuto sem problemas.

Estender o caráter ficcional ao pensamento científico e filosófico, por exemplo, não é desmerecer qualquer pensamento ou, ao contrário do que muitos críticos da desconstrução acreditam, não é uma postura niilista de quem não vê sentido em nada. Mas justamente o oposto, é exatamente, por um excesso de respeito ao sentido, que acredita-se que ele nunca pode ser apreendido plenamente, como uma espécie de desvelamento do real. O "real" é uma espécie de segredo ao qual não temos acesso pleno e colocamos justamente o termo "real" entre aspas, pois, para Derrida, aquilo que seria real é da ordem do rastro e, portanto, não da ordem de uma presença ou de uma ausência mas de um segredo. Na verdade, toda tentativa de revelação desse segredo apresenta-se como uma construção do pensamento na metafóricidade da escritura. Desse modo, nenhum discurso pode apresentar-se como próprio, como verdadeiro, como mantendo uma relação natural ou imediata com um suposto *logos* que, de fora, pudesse garantir a

legitimidade do pensamento. A ausência de um tal significado transcendental nos lança no terreno da ficcionalidade, onde se deve desconfiar da pretensão de propriedade de todo discurso.

É no sentido da exigência de uma hiper-lucidez diante das clausuras do pensamento, que vimos a partir da noção derridiana de escritura, que se abre a possibilidade de pensar a desconstrução por uma via dupla que reconhece e assume, por um lado, o desejo de se alcançar esse segredo do real, marcando o que John Caputo chama de um hiper-realismo em Derrida e, por outro, enxerga que todo discurso produzido por esse desejo fica aquém, não dá conta, do "real" mesmo, mostrando como ele sempre pode ser reconstruído de outra maneira.

O termo "hiper-realismo" cunhado por Caputo, referindo-se ao pensamento da desconstrução, pretende defender tal pensamento de críticas que comumente são endereçadas a ele e que o apontam como niilista, relativista ou subjetivista. Caputo defende, ao contrário, que a escritura derridiana marca um gesto afirmativo do pensamento que não pode se contentar com o que quer que se apresente como real. Como explica: “se, por realismo, entende-se que o alcance do conhecimento se estende até à “coisa mesma”, a desconstrução replicará que *a coisa mesma, (...), sempre escapa*”¹³⁰. Mas ele nos adverte que ficar apenas com a afirmação desconstrutiva de que *a coisa mesma sempre escapa* seria omitir uma outra parte da questão. E isso poderia nos dar a impressão errônea de que a desconstrução nos deixa à deriva, que ela nos corta o contato com o mundo, negando-nos a referência e nos trancando numa prisão de jogos de diferença. Se o pensamento da desconstrução se restringisse apenas a isso poder-se-ia dar crédito à crítica mencionada acima. Mas o que Caputo defende é justamente o oposto: que a desconstrução (da realidade, do sentido, da presença) não é algo negativo e, sim, uma obra de amor que, ao invés de desfazer a verdade, é uma forma de fazê-la.

A desconstrução não pretende confinar a linguagem, transformar o conhecimento em ilusão ou a fé em desespero, ela pretende liberar o pensamento para além do que se presentifica como “real” oferecendo a possibilidade de alguma outra coisa. Uma outra coisa pela qual ansiamos e desejamos, que seja, como diz Caputo, “algo indesconstrutível em relação ao qual o mundo meramente real e desconstrutível simplesmente não poderá oferecer”¹³¹, frisando, assim, um

¹³⁰ CAPUTO, J. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 29.

¹³¹ CAPUTO, J. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 31.

amor da desconstrução pela singularidade do que não é desconstrutível, um desejo que não se satisfaz com o que quer que se apresente como real e que se dirige para um hiper-real, para algo que não é menos e sim mais do que real, além do real.

Esse desejo por um hiper-real marca, em outras palavras, o amor da desconstrução pela alteridade. É num gesto de “preservação desconstrutiva” do que Derrida chama de “totalmente outro” que ele afirma que *a coisa mesma sempre escapa*. A coisa mesma só está a salvo se ela for ocultada em segurança, se o que quer que se apresente como real seja tudo menos a própria coisa. Caputo aproxima a afirmação de Derrida ao pensamento de Lévinas quando este diz que o amor “é uma relação com aquilo que sempre escapa”¹³². E é neste sentido que para Derrida amar significa “entregar-se ao impossível”¹³³, pois para respeitar o outro enquanto outro, para respeitar justamente o que há de outro no outro, para que ele permaneça outro, é preciso amar e respeitar sua inacessibilidade, render-se ao impossível.

Este hiper-realismo apontado por Caputo encontra-se intimamente ligado à ideia da extensão da ficcionalidade a todo pensamento proposta por Derrida. A partir da noção de escritura que vimos aqui é possível pensar que a desconstrução como um pensamento da relação (im)possível com o outro, reflete dois momentos indissociáveis na dinâmica de seu funcionamento:

1 – Por um lado a desconstrução é marcada por um momento hiper-realista que diz respeito a seu desejo pelo indesconstrutível. Isto é, ela não nega um desejo de presença, um desejo por um *significado transcendental* que venha pôr fim ao trabalho de questionamento. Em outros termos, não se trata de negar o significado, mas sim de reconstituí-lo como da ordem do desejo e não da presença. A partir da máxima derridiana apresentada por Caputo, segundo a qual *a coisa mesma sempre escapa*, podemos perceber uma radicalização da proposta realista ao denunciar que todo realismo fica aquém de seu objetivo. Aqui, neste momento, o tema central consiste no caráter constituidor da promessa de se encontrar a coisa mesma.

2 – Por outro lado há um momento de assunção da ficcionalidade inerente a tudo o que se obtém a partir da tentativa de dar conta da coisa mesma. Uma ficcionalidade que põe em marcha o desejo de presença mas que, ao mesmo

¹³²Lévinas apud Caputo. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 32.

¹³³Derrida apud Caputo. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida..* p. 32.

tempo, frustra esse desejo, pois o que se presentifica nunca é o que o desejo deseja. A ficcionalidade diz respeito aqui a todo discurso pois percebe-se que a promessa que se ergue a partir da exigência de se alcançar a coisa mesma sempre falha. O que se presentifica nunca é o real em si, mas efeitos de “realidade” que o apresentam “como se” ele fosse assim.

Dessa forma poderíamos dizer que o pensamento de Derrida é hiper-real no sentido em que permite pensar o segredo envolvido em todo real, ou melhor, em que permite pensar o real como *o segredo*. O pensamento da desconstrução, como um pensamento que quer tangenciar o segredo do real, mantendo-o secreto, não tem outra forma de funcionar a não ser pela dinâmica de uma promessa que nunca se cumpre e que está sempre se refazendo através de sucessivas frustrações. A ficcionalidade aparece, então, como o resultado da não-correspondência entre o desejo e o que se obtém nessa tentativa de alcançar a coisa mesma.

Portanto, podemos entender essa extensão da ficcionalidade a todo pensamento proposta por Derrida como mais uma crítica ferrenha ao ideal de presença da metafísica. Na explicação de Caputo:

Se o real significa o que se encontra presente, o que está realmente aí, plenamente desvelado, então a desconstrução, como desconstrução da metafísica da presença, é a desconstrução do realismo, de qualquer presença plena ou real que, como tal, pode sempre ser mostrada enquanto um efeito constituído. Exatamente do mesmo modo que a representação e a não-presença precedem e tornam possível o “efeito” da “presença”, a desconstrução terá um prazer diabólico em mostrar de que modo a não-realidade e a irrealidade precedem e tornam a “realidade” possível, tornando ao mesmo tempo possível e impossível o que quer que ouse se passar por realidade. A desconstrução jamais se cansaria de contar aos realistas aquela história contada por Nietzsche, de como o mundo real tornou-se fábula.¹³⁴

A noção derridiana de escritura é atravessada pelo reconhecimento de que toda revelação se estrutura não em função de um “enquanto tal” mas de um “como se”. Assim, podemos dizer que da mesma forma como os discursos ficcionais se tecem “como se” isto ou aquilo tivesse acontecido, também o pensamento crítico se estrutura “como se” a verdade ou a realidade fossem essa ou aquela, mas este não assume isto de forma alguma. É por isso que Derrida aponta uma potência no discurso que assume sua ficcionalidade e que deveria ser aprendida pela filosofia:

¹³⁴ CAPUTO, John. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 29.

Uma postura filosófica de extrema lucidez deveria ser aquela que, em primeiro lugar, aceitasse esse estatuto ficcional de seu discurso, essa impossibilidade absoluta de se alcançar uma verdade: não porque nosso discurso ainda não é suficiente para isso, devendo ser aprimorado ou então que se encontre outro idioma digno deste acesso, mas sim porque a estrutura mesma deste “isto” que se quer alcançar é sua indizibilidade. E, em última instância, porque qualquer pretensão de verdade e mesmo uma postura que queira independe da verdade em nome de quaisquer critérios epistemológicos, também é, ela mesma, resultado desta pulsão ficcional que nos assombra.¹³⁵

¹³⁵HADDOCK-LOBO, Rafael. *Considerações sobre um “hiper-ceticismo” em Jacques Derrida*. p. 8.